



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO -

UEMASUL

PROGRAMA CAMINHOS DO SERTÃO

LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

ALEXANDRE DA SILVA COSMO

AMIR LEAL BARBOSA

GLEMERSON NASCIMENTO SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO:

Uma proposta pedagógica a partir da análise do livro didático de língua portuguesa em turmas
da zona rural de Buritirana/Ma.

Amarante do Maranhão

2026

ALEXANDRE DA SILVA COSMO
AMIR LEAL BARBOSA
GLEMERSON NASCIMENTO SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO:
Uma proposta pedagógica a partir da análise do livro didático de língua portuguesa em turmas
da zona rural de Buritirana/Ma.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Letras - Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da
Universidade Estadual da Região Tocantina do
Maranhão (UEMASUL), do Programa de Formação de
Professores Caminhos do Sertão, como requisito para
obtenção de título de Licenciado em 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Jaqueline Torres
Barreto

Amarante do Maranhão
2026

C834v

Cosmo, Alexandre da Silva

Variação linguística e combate ao preconceito linguístico: uma proposta pedagógica a partir da análise do livro didático de língua portuguesa em turmas da zona rural de Buritirana/Ma. / Alexandre da Silva Cosmo, Amir Leal Barbosa, Glemerson Nascimento Silva. – Amarante do Maranhão, MA, 2026.

29 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Livro didático. I. Título.

CDU 81:82

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Jarina Serra Santos CRB – 13/953**

ALEXANDRE DA SILVA COSMO
AMIR LEAL BARBOSA
GLEMERSON NASCIMENTO SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO:
Uma proposta pedagógica a partir da análise do livro didático de língua portuguesa em turmas
da zona rural de Buritirana/Ma.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), do Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciado em 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Jaqueline Torres Barreto

APROVADO EM: 12/06/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DANIELA JAQUELINE TORRES BARRETO**
Data: 18/06/2026 10:50:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Daniela Jaqueline Torres Barreto

Documento assinado digitalmente
 **CONCILDA CASTRO PINHO DE ALMEIDA**
Data: 18/06/2026 18:17:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Concilda Castro Pinho de Almeida

Documento assinado digitalmente
 **SILVANA OLIVEIRA DO NASCIMENTO**
Data: 18/06/2026 11:53:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Silvana Oliveira Nascimento

AGRADECIMENTOS

Não há palavras suficientes para expressar a gratidão que sentimos pela conclusão desta importante etapa de nossas vidas. Este trabalho representa não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico, mas também a concretização de um sonho construído com dedicação, esforço e perseverança.

A Deus, por sua infinita graça, por ter nos sustentado em cada etapa desta caminhada e por nos conceder sabedoria, força e perseverança para superar os desafios e alcançar esta conquista.

Às nossas famílias, pelo amor, apoio incondicional, incentivo constante e compreensão nos momentos de ausência e dedicação aos estudos. Cada palavra de encorajamento e cada gesto de carinho foram fundamentais para que pudéssemos chegar até aqui.

À nossa orientadora, Profa. Dra. Daniela Jaqueline Torres Barreto, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos, pela paciência, dedicação e pelas valiosas contribuições que enriqueceram este trabalho. Sua orientação foi essencial para o nosso crescimento acadêmico e pessoal.

Aos professores do curso de Letras do Programa Caminhos do Sertão, pelos ensinamentos, pelas reflexões e pelo compromisso com a formação humana e profissional de seus alunos, deixando marcas significativas em nossa trajetória acadêmica.

Aos nossos colegas e amigos, que compartilharam os desafios, as angústias, as alegrias e as conquistas ao longo dessa jornada, tornando o percurso mais leve e significativo.

Por fim, agradecemos a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada e contribuíram para a concretização deste sonho. Esta conquista não é apenas nossa, mas também de todos aqueles que acreditaram em nós e caminharam ao nosso lado ao longo desta trajetória.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a abordagem da variação linguística e do preconceito linguístico nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção *A Conquista – Língua Portuguesa* (FTD), de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2022), adotada nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) em uma escola da zona rural de Buritirana/MA. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como o livro didático, enquanto principal recurso pedagógico, aborda a diversidade linguística em contextos rurais, considerando suas especificidades socioculturais frequentemente invisibilizadas no ambiente escolar. Fundamentado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com base nas contribuições de Labov (2008), Bagno (2007, 1999), Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (2005, 2008), Magda Soares (2002), entre outros, o estudo concebe a língua como um fenômeno social, histórico e heterogêneo. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, tendo como *corpus* de análise os volumes da referida coleção didática. Além disso, são considerados documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA), os quais subsidiam a análise do material didático e sua adequação às diretrizes educacionais vigentes.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Preconceito linguístico; Livro didático.

ABSTRACT

This study aims to analyze the approach to linguistic variation and linguistic prejudice in the Portuguese Language textbooks of the collection *A Conquista – Língua Portuguesa* (FTD), by Eliana Santos Beltrão and Tereza Gordilho (2022), adopted in the final years of Elementary Education (6th to 9th grades) in a rural school in Buritirana, Maranhão, Brazil. The research is justified by the need to understand how the textbook, as the main pedagogical resource, addresses linguistic diversity in rural contexts, considering their sociocultural specificities, which are often rendered invisible in the school environment. Grounded in the assumptions of Variationist Sociolinguistics and based on the contributions of Labov (2008), Bagno (1999, 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (2005, 2008), and Soares (2002), among others, the study conceives language as a social, historical, and heterogeneous phenomenon. This is a qualitative, bibliographic, and documentary study whose corpus consists of the volumes of the aforementioned textbook collection. In addition, official documents that guide Portuguese Language teaching in Brazil, such as the National Common Curricular Base (BNCC), the National Curriculum Parameters (PCN), and the Curricular Document of the Territory of Maranhão (DCTMA), are considered to support the analysis of the didactic material and its adequacy to current educational guidelines.

KEYWORDS: Linguistic variation; Linguistic prejudice; Textbook.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1 Variação Linguística e a Identidade Sociolinguística da Zona Rural.....	8
2.2 Preconceito Linguístico e a Estigmatização do Falar Rural.....	11
2.3 A Variação Linguística à Luz dos Documentos Oficiais	12
3. METODOLOGIA.....	14
3.1 Delineamento Metodológico da Pesquisa	14
3.2 Planejamento dos Procedimentos Metodológicos	15
4. A ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: evidências	17
5. PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	27
5.1 Caracterização da Proposta Pedagógica	27
5.2 Organização Metodológica e Avaliação da Proposta	27
5.3 Plano de Aula - Encontro1	28
5.3.1 Plano de aula - Encontro 2.....	29
5.3.2 Plano de aula - Encontro 3.....	30
5.3.3 Plano de aula - Encontro 4.....	31
5.3.4 Plano de aula - Encontro 5.....	31
5.3.5 Plano de aula – Encontro 6	32
5.3.6 Avaliação da proposta	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

A língua é um fenômeno social, cultural e ideológico, e suas variações refletem identidades, histórias e modos de vida dos sujeitos. No contexto brasileiro, marcado por diversidade cultural e linguística, reconhecer e valorizar as diferentes formas de falar é um passo essencial para a promoção da cidadania linguística e para a superação de preconceitos historicamente construídos.

Nesse sentido, o ambiente escolar, especialmente na educação básica, desempenha papel fundamental na formação de uma visão crítica sobre a linguagem e suas múltiplas manifestações. Nas escolas da zona rural, essa temática ganha ainda mais relevância, pois os estudantes frequentemente trazem consigo marcas linguísticas próprias de seus territórios, os quais são muitas vezes alvo de discriminações e estigmas sociais. Assim, trabalhar essa temática na escola rural torna-se especialmente necessário, pois tais espaços preservam práticas linguísticas tradicionais, frequentemente invisibilizadas por materiais didáticos produzidos majoritariamente para realidades urbanas. Valorizar essas formas de falar significa também legitimar os saberes locais e fortalecer a identidade dos estudantes da zona rural, permitindo que se reconheçam como sujeitos legítimos no processo educativo.

O problema da pesquisa consiste em compreender como a coleção *A Conquista – Língua Portuguesa* (FTD) aborda a variação linguística e o preconceito linguístico nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) adotados em uma escola rural de Buritirana/MA, e quais lacunas didáticas podem ser supridas por uma proposta de intervenção pedagógica?

Diante desse cenário, o objetivo geral desta pesquisa é analisar de que modo a coleção *A Conquista – Língua Portuguesa* (FTD) aborda a variação linguística e o preconceito linguístico e propor uma intervenção pedagógica. De forma complementar, com os objetivos específicos, busca-se: identificar como os temas aparecem nos conteúdos e atividades do material; verificar se as abordagens propostas dialogam com a realidade sociolinguística dos estudantes da zona rural; analisar se o livro promove o respeito às variedades linguísticas ou se reforça padrões normativos excludentes; propor uma intervenção pedagógica que valorize os falares locais e contribua para o enfrentamento do preconceito linguístico no contexto escolar investigado.

No que se refere à metodologia, a pesquisa possui abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. O *corpus* de análise é constituído pela coleção do material selecionado *A Conquista – Língua Portuguesa* (FTD), de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2022), adotada nos anos finais

do EF, do 6º ao 9º ano. Para a fundamentação teórica, recorrem-se às contribuições de Labov (2008), Bagno (2007, 1999), Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (2005, 2008), Magda Soares (2002), dentre outros. Cujas abordagens concebem a língua como fenômeno social, histórico e cultural, marcado pela heterogeneidade, pela variação linguística, pelas práticas discursivas e pelos processos de letramento. Além disso, são mobilizados documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA).

A relevância deste estudo reside na possibilidade de oferecer subsídios teóricos e práticos para reflexões pedagógicas que promovam o respeito e a valorização das variedades linguísticas no ensino de língua portuguesa. Além disso, contribui para a construção de uma escola mais democrática, que reconheça e acolha as identidades linguísticas dos estudantes, fortalecendo sua autoestima e sua participação social.

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, de caráter introdutório, apresentam-se o tema, a problemática, os objetivos e a justificativa da pesquisa. O segundo capítulo é dedicado à fundamentação teórica, abordando conceitos como variação linguística, identidade sociolinguística e preconceito linguístico, com base em autores da Sociolinguística e em documentos oficiais. No terceiro capítulo, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados, seguindo para o quarto capítulo com a análise dos livros didáticos *A Conquista – Língua Portuguesa*. O quinto capítulo apresenta a proposta pedagógica, voltada à valorização das variedades linguísticas e ao combate ao preconceito linguístico no contexto escolar rural. Por fim, o sexto capítulo traz as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Variação Linguística e a Identidade Sociolinguística da Zona Rural

A língua é um fenômeno social e dinâmico, que se transforma conforme o tempo, o espaço e as condições socioculturais dos falantes. De acordo com Labov (2008), a variação linguística é inerente a toda comunidade de fala, constituindo-se como um elemento estruturante da própria língua, e não como um desvio ou erro. Nessa perspectiva, compreender a diversidade linguística significa reconhecer que a língua não é homogênea, mas composta por múltiplas formas de expressão que refletem as diferenças culturais e sociais de seus falantes.

A Sociolinguística, campo de estudo inaugurado por William Labov nos anos 1960, surge justamente para analisar essa heterogeneidade da língua em uso, questionando a visão

tradicional de uma norma única e imutável. Segundo o autor, “a variação é a base do funcionamento da língua e está relacionada aos grupos sociais, ao contexto e às situações comunicativas” (Labov, 2008, p. 215). Assim, estudar a variação linguística implica compreender que toda forma de falar possui valor social e histórico, e que o ensino da língua portuguesa deve considerar essa pluralidade.

No Brasil, o modo de falar dos diferentes grupos sociais revela a riqueza e a diversidade cultural do país. Marcos Bagno (2007) é um dos principais defensores da valorização da diversidade linguística. O autor critica o chamado “mito da língua única”, isto é, a crença de que existe uma forma correta e superior de falar o português. Para Bagno (2007), essa visão tradicional reforça preconceitos e desigualdades sociais, pois “o preconceito linguístico é, em última instância, uma forma de discriminação social disfarçada de julgamento gramatical” (Bagno, 2007, p. 23). Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão, pois “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...] Também a gramática não é a língua” (Bagno, 1999, p. 9).

De igual modo, compreender e valorizar as variações linguísticas constitui um compromisso ético e pedagógico fundamental para o respeito à identidade dos falantes, especialmente daqueles provenientes de zonas rurais. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2005), em consonância com essa visão, aprofunda a discussão ao evidenciar como a diversidade linguística reflete os contextos socioculturais e influencia as práticas educativas. Para a autora,

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Nesse sentido, a relação entre língua e identidade sociolinguística evidencia que as formas de falar revelam pertencimentos, valores e modos de vida, de modo que desconsiderar a fala de um grupo implica negar a sua própria identidade cultural. Em comunidades rurais, as marcas linguísticas locais constituem expressões autênticas da vivência social, da oralidade e das tradições, configurando-se como elementos centrais da construção identitária dos sujeitos. Assim, o ensino de língua portuguesa deve integrar essas variedades ao processo educativo, valorizando o falar dos alunos e promovendo o reconhecimento e a legitimação de sua identidade linguística.

Nesse sentido, as reflexões de Marcuschi (2008) tornam-se fundamentais, uma vez que o autor discute como as práticas de linguagem na escola devem considerar a realidade comunicativa dos estudantes e seus diferentes usos da língua. Também contribui para esse debate ao destacar o caráter social e interativo da linguagem. Para o autor, a língua “[...] é um conjunto de práticas discursivas situadas, e seu ensino deve partir do uso real que os sujeitos fazem dela, para, a partir daí, permitir a reflexão sobre a língua e a conquista de novas habilidades linguísticas, particularmente aquelas associadas aos padrões da escrita” (Marcuschi, 2008, p. 45).

Dessa forma, compreender as variações linguísticas não é apenas um exercício de análise gramatical, mas um meio de entender as condições de produção e os sentidos que emergem nas interações cotidianas. O reconhecimento das práticas linguísticas da zona rural, portanto, constitui um caminho importante para estreitar os laços entre escola e comunidade, favorecendo aprendizagens contextualizadas e significativas. É nessa direção que Magda Soares (2002) contribui com reflexões sobre o letramento e a necessidade de integrar as práticas sociais da linguagem ao processo educativo.

Ressaltando que o ensino de língua portuguesa precisa ir além da mera prescrição normativa, buscando formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes usos da língua. Magda Soares (2002) defende que o ensino deve partir do conhecimento prévio do aluno, incorporando suas experiências linguísticas e culturais, para, a partir daí, introduzir a reflexão sobre os diferentes registros e variedades. Essa postura pedagógica amplia a visão do aluno sobre a língua, estimulando o respeito à diversidade e à multiplicidade de falares que compõem o português brasileiro.

O estudo das línguas de diferentes culturas deixa claro, da mesma forma, que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas: todas elas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem, e igualmente válidas como instrumentos de comunicação social (Soares, 2002, p. 39).

Portanto, no caso específico das escolas situadas na zona rural de Buritirana/MA, essa discussão assume uma dimensão ainda mais relevante. Nesse sentido, os alunos trazem consigo formas de falar marcadas por traços regionais e culturais, que, muitas vezes, são vistas com preconceito dentro do ambiente escolar. Identificar essas variações linguísticas significa reconhecer a identidade sociolinguística desses estudantes e fortalecer sua autoestima linguística. Dessa forma, o estudo da variação linguística, quando devidamente abordado no livro didático e nas práticas pedagógicas, contribui não apenas para a aprendizagem da língua,

mas também para a formação cidadã e crítica dos alunos. Desse modo, no tópico a seguir, será tratado o preconceito linguístico, sendo um dos pontos da sociolinguística variacionista.

2.2 Preconceito Linguístico e a Estigmatização do Falar Rural

O preconceito linguístico constitui-se como uma das formas mais persistentes de discriminação social, manifestando-se por meio da desvalorização de determinadas variedades da língua, especialmente aquelas associadas a grupos populares, comunidades rurais ou regiões menos prestigiadas economicamente. Segundo Marcos Bagno (1999), o preconceito linguístico nasce da crença equivocada de que existe uma única forma correta de falar português, aquela representada pela norma-padrão e pelas elites urbanas, e que todas as demais variações seriam “erros” ou “corrupções” da língua. Essa visão hierarquiza os falantes e sustenta uma ideologia de exclusão, na qual a linguagem se torna um marcador de desigualdade social.

Para Bagno (2007), o ensino tradicional de língua portuguesa, ao privilegiar exclusivamente a norma-padrão, contribui para reforçar esse preconceito. Ele argumenta que “[...] não há falantes errados, mas sim falantes que utilizam diferentes variedades da língua de acordo com seu contexto sociocultural” (Bagno, 2007, p. 32). Assim, o preconceito linguístico não é apenas uma questão de linguagem, mas um reflexo das relações de poder na sociedade, pois quem detém o prestígio social e econômico impõe sua forma de falar como padrão. No contexto escolar, essa imposição pode gerar exclusão e insegurança linguística entre os alunos das zonas rurais, que passam a se envergonhar de sua própria forma de expressão.

A pesquisadora Bortoni-Ricardo (2005) reforça essa reflexão ao afirmar que o preconceito linguístico é, na verdade, um preconceito social mascarado de julgamento linguístico. Em suas pesquisas com comunidades urbanas e rurais, a autora demonstra que as variações na fala estão diretamente relacionadas às condições de vida, escolaridade e trajetórias dos sujeitos. Assim, quando a escola corrige ou ridiculariza o modo de falar do aluno, ela está, na prática, negando sua identidade e reproduzindo desigualdades. Para a autora, “a escola precisa ser um espaço de acolhimento das diferenças linguísticas, e não de sua repressão” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 89).

Labov (2008) também critica o julgamento negativo das formas populares de fala. Em suas pesquisas com comunidades de Nova York, o autor demonstra que as diferenças linguísticas seguem padrões sistemáticos e coerentes, sendo tão regulares quanto as variedades de prestígio. Isso significa não haver “erro” na fala popular, mas uma lógica própria, estruturada socialmente. Esse princípio pode ser estendido à realidade das comunidades rurais brasileiras,

em que o modo de falar reflete um conjunto de tradições, valores e experiências culturais que merecem respeito e reconhecimento.

Marcuschi (2008) acrescenta que o preconceito linguístico também está relacionado à falta de compreensão sobre os usos reais da língua. O autor destaca que a língua é um fenômeno de uso social, e não apenas um sistema de regras. Ele afirma que “toda prática discursiva é legítima dentro de seu contexto de produção” (Marcuschi, 2008, p. 52), o que reforça a necessidade de o ensino considerar as diferentes situações comunicativas. Ignorar essa diversidade implica deslegitimar a fala dos alunos e impor um modelo de linguagem que nem sempre reflete sua realidade comunicativa.

De modo convergente, Magda Soares (2002) argumenta que o ensino de língua portuguesa deve combater o preconceito linguístico por meio de uma abordagem pedagógica inclusiva e reflexiva. Para a autora, o professor deve atuar como mediador entre as diferentes variedades da língua, ensinando os alunos a reconhecer o valor de sua própria fala e a compreender o papel social da norma-padrão. Essa mediação não deve ser vista como substituição da fala popular pela culta, mas como um processo de ampliação das competências comunicativas, em que o estudante aprende a adequar sua linguagem aos diferentes contextos.

No ambiente escolar, o preconceito linguístico se manifesta de forma sutil, mas poderosa, especialmente quando o aluno rural é corrigido ou menosprezado por usar expressões locais ou pronúncias regionais. Bortoni-Ricardo (2004) alerta que essa prática tem consequências diretas na autoestima e no desempenho escolar dos estudantes, pois muitos passam a associar seu modo de falar à falta de inteligência ou de capacidade. Em escolas da zona rural de Buritirana/MA, essa realidade pode ser observada quando as formas de falar típicas da comunidade não encontram espaço legítimo nas aulas de língua portuguesa, levando os alunos a silenciar ou a se sentirem inferiorizados.

Desse modo, compreender o preconceito linguístico e suas implicações educacionais é fundamental para que a escola rural se torne um espaço de valorização da diversidade. A desconstrução dessa discriminação passa pelo reconhecimento da pluralidade de falares e pela adoção de práticas pedagógicas que estimulem o respeito e o diálogo entre as diferentes formas de expressão. Assim, o estudo das variações linguísticas deve ser entendido como instrumento de inclusão social, promovendo a equidade e o reconhecimento das identidades culturais dos falantes.

2.3 A Variação Linguística à Luz dos Documentos Oficiais

Os documentos oficiais que orientam o ensino da língua portuguesa no Brasil reconhecem a diversidade linguística como um componente essencial da formação cidadã e cultural dos estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca que o ensino da língua deve “considerar a heterogeneidade linguística como expressão da identidade cultural dos falantes” (Brasil, 2018, p. 67). Assim, a escola tem o papel de promover o respeito às diferentes formas de falar e de combater o preconceito linguístico, valorizando a língua como prática social e cultural. Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico (Brasil, 2018, p. 68).

De acordo com a BNCC, o trabalho com a Língua Portuguesa deve estar organizado em torno de práticas de linguagem reais, contemplando as dimensões de leitura, produção e análise linguística/semiótica. Nesse sentido, o documento orienta que os alunos sejam expostos a diferentes variedades da língua, compreendendo que o português brasileiro se manifesta em múltiplas formas legítimas.

Além da BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já previam, desde 1998, a importância de se trabalhar a variação linguística em sala de aula. O documento orienta que o ensino de língua portuguesa deve contribuir para “o reconhecimento e o respeito à diversidade de falares do país, sem hierarquização ou preconceito” (Brasil, 1998, p. 28). Assim, tanto os PCN quanto a BNCC apontam para uma concepção de ensino pautada na diversidade, na inclusão e no reconhecimento das múltiplas formas de expressão. As variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão, e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que estão relacionadas a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 1998, p. 81).

No contexto maranhense, o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) (2019) reforça essas orientações, destacando que o ensino da Língua Portuguesa deve “considerar as variedades linguísticas locais e regionais como expressões legítimas da cultura e da identidade dos estudantes” (Maranhão, 2019, p. 42). O DCTMA (2019) reconhece a importância de o professor valorizar os falares do território e de promover o diálogo entre a norma-padrão e as demais variedades, de modo a construir uma prática pedagógica contextualizada e inclusiva. Nesse sentido, o documento se alinha às diretrizes nacionais, mas enfatiza a valorização das manifestações linguísticas típicas das comunidades maranhenses, especialmente as do campo.

No entanto, apesar das orientações legais e pedagógicas, diversas pesquisas apontam que o tratamento dado à variação linguística nos materiais didáticos ainda é insuficiente. Como observa Bagno (2011), há uma discrepância entre o que os documentos oficiais propõem e o que, de fato, é desenvolvido nas práticas escolares e nos livros adotados. O autor ressalta que “muitos livros ainda reduzem a variação linguística a um tópico isolado, desprovido de discussão social e cultural” (Bagno, 2011, p. 64). Essa limitação reforça a necessidade de uma análise crítica dos materiais utilizados no ensino, especialmente nas escolas rurais, onde a diversidade linguística é mais evidente.

Nesse contexto, torna-se pertinente investigar se os livros didáticos adotados nas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental da zona rural de Buritirana/MA, da coleção *A Conquista – Língua Portuguesa* (FTD), de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2022), atendem, de fato, às orientações dos documentos oficiais. No que se refere à valorização da diversidade linguística. A BNCC (2017), por exemplo, ao longo das habilidades de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano, prevê o reconhecimento das variedades da língua, a problematização da norma-padrão e a reflexão crítica sobre o preconceito linguístico, como se observa, entre outras, na habilidade EF69LP55 (Brasil, 2018). De modo semelhante, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) também defendem uma abordagem que contemple a heterogeneidade linguística e a valorização dos diferentes usos da língua nos contextos socioculturais dos estudantes.

3. METODOLOGIA

3.1 Delineamento Metodológico da Pesquisa

A metodologia adotada neste trabalho orientou-se pela busca de uma compreensão crítica do modo como as variações linguísticas são abordadas na coleção dos livros didáticos *A Conquista: Língua Portuguesa*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2022), utilizada nas turmas do 6º ao 9º ano, anos finais do Ensino Fundamental, de uma escola pública da zona rural de Buritirana/MA. Assim, de acordo com Lakatos e Marconi (2010, p. 83), a metodologia constitui-se no: “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitem alcançar conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do pesquisador”.

A pesquisa é de natureza documental (livros didáticos e documentos oficiais) e bibliográfica (autores da Sociolinguística e Linguística Aplicada que fundamentam a análise). Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 174), a pesquisa documental “[...] vale-se de materiais

que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Esse tipo de estudo possibilita examinar o conteúdo pedagógico a partir de uma perspectiva crítica e científica.

Com isso, a pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, documental, bibliográfica e propositiva. É qualitativa porque buscou compreender e interpretar os significados atribuídos às práticas discursivas e pedagógicas, considerando o contexto social e linguístico dos estudantes. Para Lakatos e Marconi (2010, p. 269), a pesquisa qualitativa “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos do comportamento humano, descrevendo a complexidade dos fenômenos e das interações sociais”. Essa abordagem mostrou-se adequada à análise de materiais didáticos que refletem concepções de língua e de ensino.

Além da análise do corpus, o estudo possui caráter propositivo, uma vez que não se restringe à identificação de como as variações linguísticas são abordadas nos livros didáticos, mas culmina na elaboração de uma proposta pedagógica voltada para o ensino da variação linguística e para o combate ao preconceito linguístico nos anos finais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, a pesquisa busca articular reflexão teórica e intervenção pedagógica, contribuindo para a construção de práticas de ensino mais inclusivas e alinhadas aos pressupostos da Sociolinguística Educacional.

3.2 Planejamento dos Procedimentos Metodológicos

1. Seleção da coleção dos livros didáticos: A etapa inicial da pesquisa consistiu na seleção da coleção de livros didáticos a ser analisada, definida como *A Conquista – Língua Portuguesa*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2022), destinada aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). A escolha dessa coleção justifica-se por sua adoção em escolas públicas da zona rural do município de Buritirana/MA, contexto no qual a pesquisa se insere. Além disso, a coleção contempla todo o ciclo dos anos finais, o que possibilita uma análise comparativa do tratamento da variação linguística ao longo das diferentes etapas de escolarização. Essa definição do corpus foi fundamental para orientar o desenvolvimento das etapas subsequentes da pesquisa.

2. Análise do livro didático: A segunda etapa consiste na análise minuciosa dos livros didáticos com o objetivo de identificar lacunas relacionadas ao tratamento da variação linguística. O processo envolve a leitura detalhada dos módulos e atividades das unidades selecionadas, verificando se há abordagens explícitas, implícitas ou ausentes sobre diversidade

linguística. Serão destacadas as incoerências, os silenciamentos – entendidos como a omissão ou a ausência de discussões relevantes sobre a variação linguística – ou as insuficiências presentes no material, especialmente no que se refere à representação de falares rurais, à problematização de preconceito linguístico e ao reconhecimento da legitimidade de diferentes variedades da língua portuguesa. Os achados dessa análise fundamentarão a necessidade da intervenção e orientarão os conteúdos a serem trabalhados.

3. Planejamento da proposta pedagógica: Com base nos dados da análise do livro, será elaborado o planejamento da proposta pedagógica. Essa etapa contempla a criação de atividades voltadas à valorização da variação linguística, considerando práticas contextualizadas e significativas para os estudantes. Serão selecionados textos provenientes de gêneros diversos, literários, jornalísticos, orais e da cultura local, que apresentem variedades linguísticas urbanas e rurais, permitindo comparações e discussões. Além disso, serão propostas rodas de conversa com foco na fala rural, incentivando os alunos a reconhecerem e analisarem elementos do próprio repertório linguístico. Essa etapa de planejamento busca garantir uma intervenção coerente, fundamentada e sensível ao contexto sociolinguístico dos educandos.

4. Etapas previstas para proposta de intervenção: A intervenção pedagógica poderá ser aplicada por meio de um conjunto de ações didáticas sistematizadas. Primeiramente, serão desenvolvidas sequências didáticas sobre variação linguística, abordando conceitos-chave como norma culta, norma padrão, variações regionais, sociais e situacionais. Em seguida, serão propostas atividades comparativas entre diferentes falares, com destaque para o contraste entre fala rural e fala urbana, sempre em uma perspectiva não discriminatória. Por exemplo, de propostas: os alunos podem realizar produções textuais que incorporem reflexões sobre diversidade linguística e, quando pertinente, registros de variedades locais. Também podem ser realizadas dramatizações ou debates que problematizem situações de preconceito linguístico, favorecendo a formação crítica e fortalecendo o vínculo entre escola e realidade sociocultural dos estudantes.

5. Plano de avaliação para proposta da intervenção: A avaliação pode ocorrer de forma processual e ao final da intervenção. Utilizando instrumentos como questionários diagnósticos e finais, diários de bordo produzidos pelos alunos e registros de observação do professor. Esses instrumentos possibilitarão comparar as percepções pré- e pós-intervenção, verificando mudanças no entendimento sobre variação linguística e redução de comportamentos associados ao preconceito linguístico. As reflexões dos próprios estudantes serão essenciais, pois permitirão identificar como eles passaram a compreender e valorizar as diferentes formas de falar presentes na escola e na comunidade. A avaliação, portanto, não terá caráter

classificatório, mas formativo, voltado à análise dos efeitos da proposta pedagógica na construção de uma postura mais crítica, acolhedora e inclusiva.

4. A ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: evidências.

O livro didático constitui um dos principais instrumentos de mediação do processo de ensino-aprendizagem, sendo amplamente utilizado como referência curricular e metodológica nas escolas públicas brasileiras. De acordo com Soares (1998), o livro didático desempenha não apenas uma função instrucional, mas também formadora de valores, representações e concepções de língua, cultura e identidade. Desse modo, a forma como a língua é apresentada nesse material pode influenciar diretamente a maneira como professores e alunos compreendem e reproduzem as práticas linguísticas no espaço escolar.

Na perspectiva de Bagno (2007), os livros didáticos de Língua Portuguesa historicamente privilegiam uma visão normativa da língua, centrada na gramática tradicional e na norma-padrão, o que tende a invisibilizar as múltiplas formas de variação existentes no português brasileiro. Essa abordagem reflete uma tradição de ensino que ainda associa correção linguística à ideia de prestígio social, contribuindo para a manutenção de posturas preconceituosas em relação às variedades populares e regionais.

Por essa razão, tornou-se essencial analisar criticamente como os livros didáticos abordam ou deixam de abordar a variação linguística. Esta análise permite compreender até que ponto o material está alinhado às orientações dos documentos oficiais, como a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, 2017), que propõe o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística como um princípio educativo fundamental.

No contexto desta pesquisa, foram examinados os livros da coleção *A Conquista Língua Portuguesa*, da Editora FTD, destinada aos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, de autoria de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2022). A escolha dessa coleção justificase por seu uso recorrente em escolas públicas da região da zona rural de Buritirana/Maranhão e por finalizar também o ciclo dos anos finais, o que a torna representativa para a investigação proposta.

Dessa forma, a análise desses materiais buscou compreender de que maneira os conteúdos dialogam com as diretrizes da BNCC (2017) no que se refere à variação linguística, bem como identificar se o livro contribui para a promoção de uma educação linguística inclusiva ou se, ao contrário, mantém lacunas que podem favorecer a reprodução do preconceito linguístico. Esta abordagem teórica e crítica fundamenta a importância de examinar o papel do

livro didático como mediador entre o conhecimento científico e a prática pedagógica, reforçando a necessidade de repensar sua função na formação linguística dos alunos.

Em continuidade à discussão anteriormente desenvolvida, apresenta-se, na sequência, um quadro com a descrição da coleção dos livros didáticos analisados, com o intuito de sistematizar, de forma mais organizada e visualmente acessível

Quadro 1-Descrição da coleção dos Livros Utilizados na Análise

LD	Série/ Ano	TÍTULO	AUTORES	EDITORA	ANO
01	6º ano	A Conquista	Eliana Santos Beltrao Tereza Gordilho	FTD	2022
02	7º ano	A Conquista	Eliana Santos Beltrao Tereza Gordilho	FTD	2022
03	8º ano	A Conquista	Eliana Santos Beltrao Tereza Gordilho	FTD	2022
04	9º ano	A Conquista	Eliana Santos Beltrao Tereza Gordilho	FTD	2022

Fonte: Elaborado pelos autores (2026), com base em Beltrão e Gordilho (2022).

Dessa maneira, a fim de conferir rigor metodológico à pesquisa e evitar análises subjetivas, estabeleceu-se uma matriz de critérios para avaliar como a temática é tratada em cada volume da coleção. Esses critérios, apresentados no Quadro 2, guiarão a observação das páginas dos materiais selecionados, permitindo identificar desde a presença do tema até a existência de atividades que promovam a reflexão crítica e o combate ao preconceito linguístico.

Quadro 2 – Critérios de análise para avaliação da temática de variação linguística

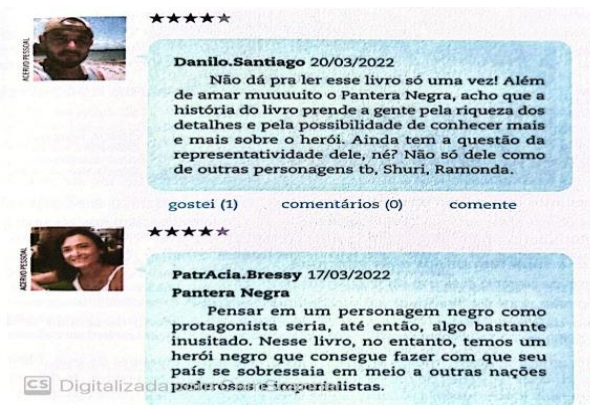
CRITÉRIOS DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO DO INDICADOR
Presença do tema	Verifica se o conteúdo de variação linguística é mencionado (Sim/Não).
Tipo de variação	Identifica a abordagem (Regional, Social, Situacional ou Histórica).
Problemática do preconceito	Avalia se o livro discute o preconceito linguístico e de que forma.
Contexto rural	Observa se há relação ou menção aos falares e cultura do campo (Sim/Não).
Atividade crítica	Analisa se o exercício propõe reflexão social ou apenas classificação (Sim/Não).

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Iniciamos nossa análise pelo sumário da obra do 6º ano, composto por sete módulos. Cada módulo é subdividido em dois capítulos. O sumário apresenta, de forma clara, o número de unidades, e em cada unidade há a indicação do conteúdo trabalhado. A partir dessa visão, percebemos que, no capítulo 1 da página 25, já está identificado o tema “Linguagem e Sentidos”, o qual aborda a variação linguística tratada a partir da noção de adequação da língua gem, por meio da comparação entre dois comentários sobre a mesma obra literária, produzidos

em registros distintos. Essa abordagem pode ser visualizada na **Figura 1**, que apresenta o conteúdo da seção Linguagem e Sentidos.

Figura 1 – Tópico sobre variação linguística: livro didático do 6º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 25).

O material reconhece que, embora utilizem formas linguísticas diferentes, ambos os textos cumpram adequadamente sua finalidade comunicativa, o que representa um avanço em relação a perspectivas estritamente normativas. Ao legitimar o uso do registro informal em um contexto específico, o livro reforça a ideia de que não há um único modo correto de utilizar a língua, mas diferentes possibilidades condicionadas pela situação de comunicação. Ainda assim, a análise proposta não explicita as implicações sociais dessa distinção, uma vez que não problematiza o fato de que determinadas variedades, sobretudo as informais, são frequentemente desvalorizadas em contextos sociais mais amplos. Assim, a noção de adequação aparece dissociada das relações de poder que atravessam os usos linguísticos. A sistematização desses conceitos e a distinção entre as variedades são apresentadas na **Figura 2**, que detalha a estrutura teórica adotada pela obra.

Figura 2 – Tópicos sobre variações linguísticas e norma-padrão: livro didático do 6º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 27)

No módulo 1, Capítulo 1, a obra sistematiza as variedades linguísticas a partir das dimensões: geográfica, histórica, sociocultural e situacional, ratificando o caráter intrinsecamente dinâmico da língua. Essa estrutura visa ampliar a percepção do discente sobre a pluralidade do português brasileiro, situando-o cronológica e socialmente diante da diversidade de falares. Entretanto, tal sistematização adquire um viés estritamente taxonômico, priorizando a catalogação de variantes em detrimento de uma reflexão sobre as tensões sociais e os processos de hierarquização. Embora o material admita que a norma-padrão não reflete a totalidade do uso cotidiano, ela permanece como o eixo central de referência e prestígio. Essa abordagem acaba por reforçar uma visão puramente funcional da linguagem, que omite o debate crítico sobre a desigualdade sociolinguística. Ao não questionar os mecanismos de poder que legitimam certas variedades enquanto marginalizam outras, o livro silencia sobre os efeitos excludentes e o estigma que permeiam a valorização social da norma hegemônica. Um exemplo prático dessa dinâmica comunicativa em ambiente digital pode ser visualizado na **Figura 3**, que ilustra o uso do registro informal e do internetês em um aplicativo de mensagens:

Figura 3 – Exemplo de interação em aplicativo de mensagens: registro informal e internetês: do livro didático do 6º ano

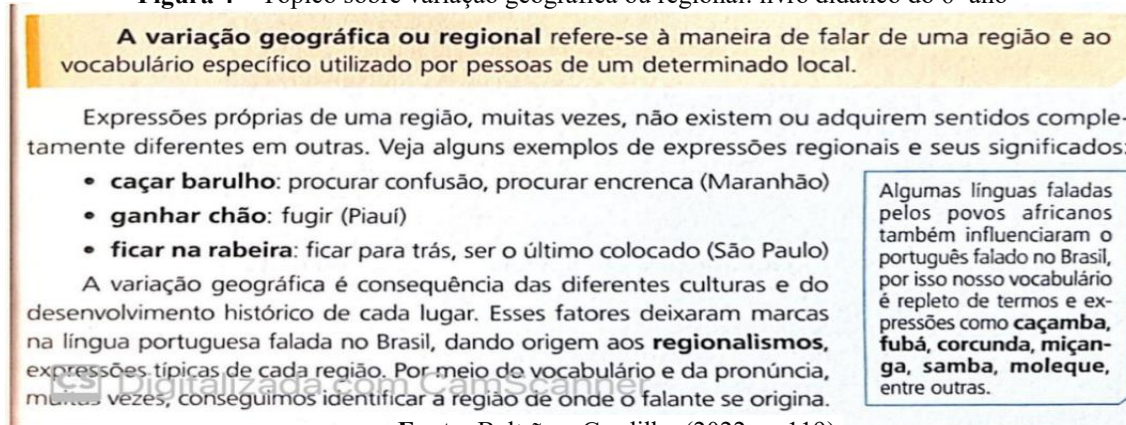


Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 30).

A variação linguística é abordada a partir da comunicação digital, com ênfase no uso de abreviações, gírias, marcas de oralidade e emojis em aplicativos de mensagens. O material reconhece essas práticas como adequadas ao contexto comunicativo e legitima formas linguísticas frequentemente utilizadas pelos estudantes em interações cotidianas.

Ao incluir emojis como recursos expressivos, o livro amplia a noção de linguagem para além do texto verbal escrito. Não há problematização do preconceito associado à escrita digital nem do estigma que recai sobre essas formas de expressão, o que evidencia, mais uma vez, o silenciamento da dimensão ideológica do preconceito linguístico. A transição para o estudo das especificidades regionais e do léxico local é apresentada na **Figura 4**, que destaca a influência da geografia na constituição da identidade linguística:

Figura 4 – Tópico sobre variação geográfica ou regional: livro didático do 6º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 119).

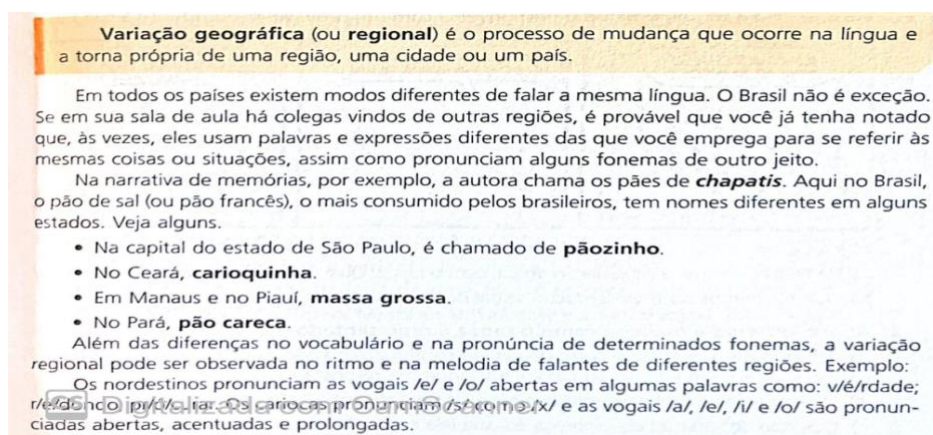
Na página 119, a coleção introduz a temática da variação linguística por meio da noção de variação geográfica ou regional, articulando língua, cultura e espaço. A leitura do conto “Os dois reis de Gondar” permite ao material destacar marcas lexicais associadas à Etiópia, como o termo “teff” é o nome de um cereal ancestral cultivado na Etiópia e na Eritreia, cuja manutenção da grafia original é justificada como evidência do vínculo entre o texto e seu local de origem.

Essa abordagem contribui para a compreensão da língua como fenômeno heterogêneo e historicamente situado, afastando-se da ideia de uniformidade linguística. No entanto, a discussão se mantém no plano descritivo, limitando-se à identificação das diferenças regionais, sem avançar para uma problematização do valor social atribuído às variedades linguísticas. Ao avançarmos para a análise da obra do 7º ano, observamos a manutenção da estrutura organizacional da coleção, também segmentada em sete módulos. No entanto, é no Módulo 3, intitulado 'Linguagem e Sentidos', que se verifica uma expansão do arcabouço teórico sobre a diversidade linguística.

A partir da página 121, o material transcende a noção de adequação situacional abordada no ano anterior para introduzir as variações geográfica e histórica como eixos centrais. Essa transição na progressão curricular indica um esforço em situar o aluno diante da pluralidade do português no Brasil, evidenciando como os fatores espaciais e a passagem do tempo moldam a identidade dos falantes e a dinâmica da língua viva.

Nessa primeira abordagem, o livro utiliza o recurso da exemplificação lexical para tornar o conceito de variação geográfica tangível ao estudante, estabelecendo uma conexão direta entre o conteúdo teórico e a realidade cotidiana. Contudo, essa estratégia prioriza a descrição de curiosidades regionais em detrimento de uma análise sobre os juízos de valor que hierarquizam esses diferentes falares no corpo social. A ampliação do debate para as dimensões espaciais e temporais da língua é ilustrada na **Figura 5**, que apresenta a introdução dos conceitos de variação geográfica e histórica no volume do 7º ano:

Figura 5 – Tópicos sobre variação geográfica e histórica: livro didático do 7º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 121).

Essa lacuna limita o potencial formativo da proposta, pois impede que o estudante perceba como determinadas variedades são socialmente estigmatizadas, o que contribui para a reprodução do preconceito linguístico, uma vez que o próprio material silencia esse tema. Assim, uma abordagem que articulasse variação, poder e ideologia seria essencial para promover uma educação linguística mais crítica, inclusiva e comprometida com a valorização da diversidade. A transição para o estudo da dimensão temporal da língua, utilizando gêneros multimodais como o anúncio e a tirinha, pode ser observada na **Figura 6**, que exemplifica a abordagem da variação histórica no 7º ano:

Figura 6 – Tópico sobre variação histórica com análise de anúncio antigo e tirinha: livro didático do 7º ano



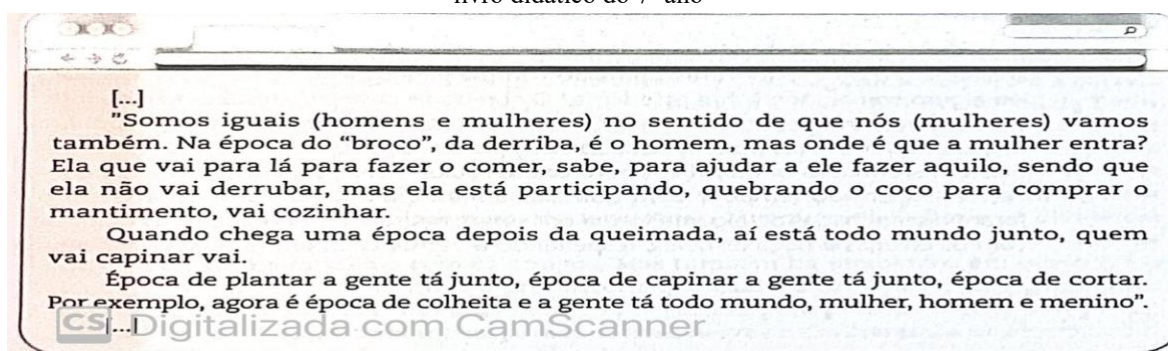
Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 122).

No trecho analisado, é utilizada uma tirinha como recurso didático para ilustrar a variação histórica da linguagem, evidenciando termos e expressões que caíram em desuso ao longo do tempo. Esse recurso mostra-se pertinente, pois contribui para que os alunos compreendam que a língua é dinâmica, sujeita a transformações condicionadas por fatores históricos, sociais e culturais. No entanto, embora a tirinha cumpra parcialmente seu papel pedagógico, o material apresenta uma limitação ao não problematizar a importância da valorização das variedades linguísticas contemporâneas.

A ênfase exclusiva nas formas do passado pode, de modo implícito, reforçar a ideia de que apenas a norma-padrão constitui a forma legítima ou 'correta' de uso da língua. Assim, desconsidera-se a legitimidade das demais variedades em circulação na sociedade e, conseqüentemente, contribui-se para a reprodução de concepções normativas e excludentes sobre a linguagem. Sob essa ótica, a abordagem ignora o dinamismo das práticas linguísticas contemporâneas e as marcas de identidade dos sujeitos que as produzem. Tal omissão acaba por cristalizar o estigma sobre os falares populares, impedindo que o estudante compreenda a língua como um território de disputa de poder e resistência cultural.

A valorização de identidades tradicionais e o reconhecimento de falares historicamente invisibilizados são exemplificados na **Figura 7**, que traz um depoimento oriundo de uma comunidade quilombola no volume do 7º ano:

Figura 7 – Atividade sobre variação linguística e depoimento em comunidade quilombola: livro didático do 7º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 123).

A abordagem das comunidades quilombolas e de termos regionais é um aspecto positivo, pois amplia a compreensão da variação linguística como fenômeno plural e valoriza grupos tradicionalmente invisibilizados. No entanto, a proposta carece de uma problematização explícita sobre os estigmas que recaem sobre esses falares no contexto escolar. Falta uma discussão sobre o papel da escola na construção de práticas que promovam a legitimação dessas variedades, evitando processos de marginalização e silenciamento linguístico.

Ao analisarmos a obra do 8º ano da coleção, observamos que ela mantém a padronização pedagógica estruturada em sete módulos, cada qual composto por dois capítulos. No entanto, verificamos que o tema central desta pesquisa concentra-se especificamente no Módulo 1, Capítulo 1, sob a seção “Linguagem e Sentidos”, em que a variação sociocultural é abordada de forma explícita. A atividade destaca que a língua varia conforme fatores como escolaridade e área de atuação, demonstrando diferentes usos em contextos específicos; no entanto, a abordagem permanece descritiva, pois não problematiza as relações de poder que atribuem maior prestígio à linguagem científica em detrimento de outras variedades, limitando o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o tema.

Figura 8 – Tópico sobre variação sociocultural e análise de textos científicos e ficcionais: livro didático do 8º ano

Variação sociocultural

Sabe-se que a língua é heterogênea, isto é, está em constante mudança, portanto as variações fazem parte dela. Algumas dessas variações são decorrentes de vários fatores relacionados aos falantes, como área de atuação profissional e grau de escolaridade.

1. No conto “Planetas habitados”, uma narrativa de ficção científica, há alguns termos próprios da área científica. Releia o trecho:

— Fique tranquilo. É provável que eles só existam nas histórias. E descobriram que lá a atmosfera é oxigênio puro. De mais a mais, o terceiro planeta possui só um terço de matéria sólida. O resto é uma substância líquida onde a vida é improvável.

Os termos atmosfera, oxigênio puro, planeta, matéria sólida, substância líquida.

a) Que termos remetem à área da Ciência Espacial?
b) Sabendo que o conto é um texto ficcional, que efeito de sentido o uso desses termos produz na narrativa?

2. Agora, compare o trecho do conto ao trecho de texto informativo a seguir, a respeito do planeta Terra, publicado na seção dedicada à ciência de um portal de notícias.

Conheça mais sobre o planeta Terra
 25 nov. 2009 12h31 | atualizado às 12h53

A Terra é o terceiro planeta a contar do Sol e o quinto maior do Sistema Solar. Sua forma é praticamente esférica, com uma deformação que causa um achatamento dos polos. Até onde se sabe o planeta em que vivemos é o único do nosso sistema solar em condições de abrigar vida da forma como a conhecemos. Isso acontece porque o planeta possui algumas condições únicas, como 71% de sua superfície coberta por água, placas tectônicas e um forte campo magnético.

[...]

Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 32).

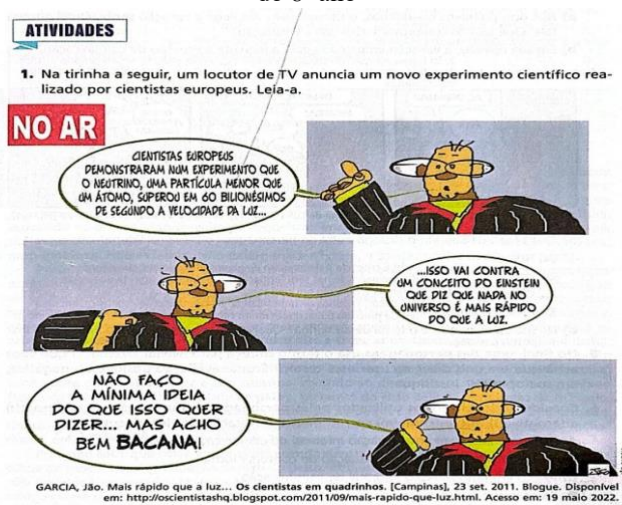
Na página 32, o material define essa variante como o fenômeno que ocorre em função das diferenças entre os grupos sociais com os quais o falante interage. O texto reconhece a heterogeneidade da língua, exemplificando como os usos se modificam em esferas profissionais e situacionais, como as áreas jurídica, científica e esportiva.

A proposta de comparação entre um texto de ficção científica e um informativo reforça a associação de certas variedades a campos específicos do saber e a contextos formais. Contudo, embora a conceituação seja clara e ilustrada, a abordagem permaneça restrita a uma perspectiva descritiva.

Não se verifica uma problematização acerca das relações de poder que atravessam os usos da linguagem, nem discussões sobre a hierarquização das variedades ou o enfrentamento ao preconceito linguístico nos contextos social e escolar. Observa-se que o material opta por

exemplificar a variação sociocultural por meio de esferas de prestígio, como o discurso científico e o campo jurídico. Embora essa escolha ilustre a variação em contextos formais, nota-se um silenciamento em relação às variedades linguísticas de grupos sociais marginalizados. Ao priorizar áreas de alto valor social para definir a variação sociocultural, o livro perde a oportunidade de discutir o estigma associado a outros falares, reforçando a tese de que a abordagem permanece em um campo puramente descritivo e evita a problematização das desigualdades e do preconceito linguístico.

Figura 9 – Tópico sobre variação sociocultural e análise de tirinha no contexto científico: livro didático do 8º ano



Fonte: Beltrão e Gordilho (2022, p. 33).

A variação linguística é explorada de forma implícita por meio de uma tirinha que apresenta o uso de termos técnicos da linguagem científica, contrastando o discurso especializado com a linguagem cotidiana do personagem. A atividade evidencia a existência de uma variedade linguística própria da esfera científica, marcada pelo emprego de vocabulário específico e por um grau elevado de formalidade, em oposição à linguagem coloquial, mais acessível ao público em geral. Esse contraste permite compreender a variação linguística como um fenômeno relacionado aos diferentes contextos de uso da língua e às práticas sociais de circulação do conhecimento.

No entanto, o material não promove uma reflexão crítica acerca dos efeitos sociais dessa diferenciação linguística, deixando de problematizar questões como a exclusão simbólica, a dificuldade de acesso ao discurso científico e a valorização desigual das variedades linguísticas. Dessa forma, o conteúdo reconhece a diversidade de usos da língua, mas não avança para uma discussão sobre o preconceito linguístico e suas implicações no processo educativo.

A análise das obras do 6º, 7º e 8º anos revela que a variação linguística é contemplada de modo superficial e pouco aprofundada. Embora o material apresente textos que reconhecem

a heterogeneidade da língua, as atividades não promovem uma reflexão crítica consistente sobre essa diversidade. A perspectiva permanece predominantemente descritiva, sem avançar para uma discussão que valorize as variedades e combata o preconceito linguístico no contexto escolar.

O dado mais alarmante, contudo, reside na ausência total do conteúdo no 9º ano, o que configura uma lacuna pedagógica grave no encerramento do Ensino Fundamental. Essa descontinuidade revela que a obra não assume o compromisso de consolidar o combate ao preconceito linguístico como um eixo transversal. Em vez disso, o material silencia sobre as tensões sociais da língua justamente no momento de maior maturação intelectual do estudante, reforçando, por omissão, a hegemonia da norma-padrão.

Para sistematizar os achados desta investigação, apresenta-se no Quadro 3 um panorama comparativo da abordagem da variação linguística em cada volume da coleção. Este compilado permite visualizar, de maneira objetiva, a progressão dos conteúdos e as lacunas identificadas em relação aos critérios de análise estabelecidos anteriormente.

Quadro 3 – Síntese comparativa da abordagem da variação linguística na coleção

Ano Escolar	Presença do Tema	Principais Variantes	Problematisa o Preconceito?	Contexto Rural/Minorias?	Natureza da Abordagem
6º Ano	Sim	Situacional e Regional	Não (apenas descreve)	Não	Taxonômica/Classificatória
7º Ano	Sim	Geográfica e Histórica	Superficial (resposta pessoal)	Sim (Quilombo)	Descritiva/Comparativa
8º Ano	Sim	Sociocultural	Não (foco em status)	Não	Descritiva de Prestígio
9º Ano	Não	Ausente	Não	Não	Inexistente/Lacuna

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Diante do exposto, a síntese apresentada no Quadro 3 evidencia que, embora a coleção contemple a variação linguística nos anos iniciais do ciclo, o tratamento dado ao tema é marcado por uma progressão decrescente de criticidade. Observa-se que, enquanto o 7º ano ensaia uma contextualização social mais próxima da realidade brasileira, o volume do 8º ano retoma uma visão centrada em esferas de prestígio, mantendo o caráter meramente descritivo.

A partir desse cenário, a intervenção busca promover práticas educativas que rompam com visões homogêneas, reconhecendo o repertório dos alunos como identidade cultural. O estudo articula teoria e prática para favorecer um ensino que respeite as diferenças e combata estigmas presentes na sociedade.

Ao fortalecer a autoestima dos estudantes da zona rural, a proposta visa transformar a realidade escolar por meio do respeito à diversidade de falares. Essa abordagem assegura que o ensino de Língua Portuguesa cumpra sua função social de inclusão e valorização das vivências linguísticas de cada sujeito.

5. PROPOSTA PEDAGÓGICA

5.1 Caracterização da Proposta Pedagógica

Como desdobramento das análises realizadas, foi elaborada uma proposta pedagógica voltada à valorização das variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa, fundamentada nos princípios da variação linguística. Essa proposta destinou-se às turmas do 6º, 7º, 8º e 9º anos finais do Ensino Fundamental, considerando o contexto sociolinguístico dos estudantes da educação básica e as práticas de ensino desenvolvidas nessas etapas escolares.

A proposta buscou promover intervenções pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem, por meio de práticas didáticas que reconhecem a pluralidade cultural e linguística dos estudantes, incentivando o respeito às diferentes formas de falar e escrever presentes na comunidade escolar. Para tanto, foram sugeridas atividades que articularam leitura, produção textual e reflexão linguística, a partir de textos orais e escritos que evidenciam a diversidade da língua portuguesa, possibilitando que o aluno se perceba como sujeito da linguagem e protagonista de seu próprio processo de aprendizagem.

5.2 Organização Metodológica e Avaliação da Proposta

A intervenção tem como objetivo promover a reflexão crítica acerca da variação linguística e do preconceito linguístico, valorizando as diferentes formas de uso da língua presentes nos contextos socioculturais dos estudantes. Dessa forma, busca-se contribuir para desenvolvimento de uma educação linguística que reconheça a diversidade como elemento constitutivo da linguagem. A proposta é para desenvolvê-la ao longo de quatro encontros, correspondentes a quatro horas-aula, durante as aulas de Língua Portuguesa. As atividades têm como finalidade possibilitar que os alunos compreendam a língua como fenômeno social, histórico e cultural, reconhecendo a existência de diferentes variedades linguísticas e desenvolvendo atitudes de respeito em relação às diferentes formas de expressão.

A proposta dialoga com habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente aquelas relacionadas ao reconhecimento da variação linguística e à

análise crítica do preconceito linguístico. Entre essas habilidades, destacam-se: EF69LP55, que propõe reconhecer a variação linguística como fenômeno social, histórico e cultural; EF69LP56, que orienta a análise crítica de preconceitos linguísticos presentes em diferentes contextos de uso da língua; e EF89LP01, que incentiva a participação em discussões orais, considerando diferentes pontos de vista e respeitando a diversidade linguística (Brasil, 2018).

Os conteúdos abordados na sequência didática envolvem a compreensão da variação linguística em suas dimensões regional, social e situacional, a discussão sobre norma-padrão e adequação linguística, bem como a problematização do preconceito linguístico e suas implicações sociais. Tais conteúdos são trabalhados de modo articulado às práticas sociais de linguagem, possibilitando que os estudantes reconheçam a língua como instrumento de comunicação, identidade e participação social.

Para o desenvolvimento das atividades, poderão ser utilizados diferentes recursos didáticos, entre eles textos literários e não literários que apresentem marcas de variação linguística, vídeos curtos que abordem a diversidade linguística no Brasil, trechos do livro didático *A Conquista: Língua Portuguesa*, de Beltrão e Gordilho (2022), além de materiais como cartolina, pincéis e aparelhos celulares para a produção de registros audiovisuais. Esses recursos têm como finalidade ampliar as possibilidades de análise e reflexão sobre os usos da língua em diferentes contextos comunicativos.

5.3 Plano de Aula - Encontro 1

Tema: Diagnóstico e sensibilização sobre a diversidade linguística.

Carga horária: 2 horas-aula.

Objetivos:

- Identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre variação linguística;
- Reconhecer que diferentes grupos sociais utilizam a língua de maneiras distintas;
- Refletir sobre experiências de preconceito relacionadas à linguagem.

Conteúdos:

- Diversidade linguística;
- Língua e identidade;
- Conhecimentos prévios sobre preconceito linguístico.

Metodologia:

Inicialmente, o professor realizará uma conversa orientada por meio de perguntas problematizadoras, como: “Todas as pessoas falam da mesma forma?” e “Você já presenciou alguém ser criticado pelo modo como fala?”. Em seguida, os alunos registrarão oralmente ou

por escrito suas experiências pessoais relacionadas às diferenças linguísticas. Posteriormente, será exibido o vídeo educativo intitulado [Variação Linguística \(Professor Noslen\)](#), que aborda de forma didática as diferenças geográficas, históricas e sociais na fala do brasileiro, seguido de discussão coletiva e sistematização das ideias construídas.

Recursos didáticos:

Projeter multimídia, notebook, o material audiovisual disponibilizado na plataforma YouTube pelo canal Professor Noslen, quadro e caderno.

Avaliação:

Participação nas discussões e produção dos relatos iniciais.

5.3.1 Plano de aula – Encontro 2

Tema: Variação regional e os falares brasileiros.

Carga horária: 2 horas-aula.

Objetivos:

- Reconhecer a existência de diferentes variedades regionais da língua portuguesa;
- Compreender a relação entre língua, cultura e identidade regional;
- Valorizar os falares populares e rurais.

Conteúdos:

- Variação regional;
- Léxico regional;
- Identidade cultural.

Metodologia:

O professor apresentará trechos da canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, destacando expressões características do português nordestino. Em seguida, serão trabalhados excertos de obras literárias, como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e textos que evidenciem a linguagem de comunidades rurais e tradicionais brasileiras.

Para estreitar o debate com a realidade local da zona rural do Maranhão, o professor utilizará para análise textual e discursiva o seguinte fragmento que compila traços típicos do léxico e da oralidade rústico-regional maranhense:

Mermã, tu continua sem entender nada? Deixe de qualiragem e cuida! Pega esse balde, panha aquela água acolá e arriba o caneco que a piquena tá esperando. Mas rapaz, se tu te lascas no caminho por falta de pressa, eu tô é tu e não vou te acudir, pois já mar farrétempo que eu avisei que a época da colheita tá de amargar!

Os estudantes identificarão marcas linguísticas presentes nos textos (como *mermã*, *panha*, *arriba*, *piquena*, *mar farrétempo*) e discutirão a importância da valorização dessas expressões legítimas frente às variantes urbanas.

Recursos didáticos:

Texto da música “Asa Branca”, trechos de *Vidas Secas*, cópias impressas do fragmento da fala regional maranhense, cartolina e aparelho de som.

Avaliação:

Registro escrito das observações e participação no debate.

5.3.2 Plano de aula – Encontro 3

Tema: Adequação linguística e diferentes contextos de uso da língua.

Carga horária: 2 horas-aula.

Objetivos:

- Compreender o conceito de adequação linguística;
- Identificar diferentes registros de linguagem;
- Refletir sobre os usos da língua em diferentes situações comunicativas.

Conteúdos:

- Norma-padrão;
- Registros formal e informal;
- Adequação linguística.

Metodologia:

Serão apresentados exemplos de mensagens de aplicativos, bilhetes, e-mails e cartas. Em grupos, os alunos produzirão textos em registro informal e, posteriormente, os reescreverão em registro formal, discutindo as mudanças realizadas. Para ilustrar o registro informal e o "internetês", o professor utilizará como exemplo empírico o documentário disponibilizado no YouTube pelo [Canal Futura: Programa Língua Viva](#), focando em como a tecnologia influencia a oralidade e a escrita geracional.

Recursos didáticos:

Livro didático, folhas de atividade, projetor e aparelhos celulares.

Avaliação:

Produção e reescrita dos gêneros textuais.

5.3.3 Plano de aula – Encontro 4

Tema: Preconceito linguístico e consciência crítica.

Carga horária: 2 horas-aula.

Objetivos:

- Compreender o conceito de preconceito linguístico;
- Analisar situações de discriminação relacionadas ao modo de falar;
- Desenvolver atitudes de respeito à diversidade linguística.

Conteúdos:

- Preconceito linguístico;
- Relações entre língua e poder;
- Estigma social.

Metodologia:

O professor apresentará situações reais ou hipotéticas de discriminação linguística e trechos da obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, de Marcos Bagno (1999). Como material complementar prático de análise de preconceito nas esferas sociais, será exibida e debatida a reportagem em vídeo veiculada pela [Diretoria de Comunicação da UFMA: Dicionário de maranhês](#). Posteriormente, será realizada uma roda de conversa, incentivando os estudantes a expressarem opiniões e compartilharem experiências baseadas no cotidiano da zona rural.

Recursos didáticos:

Textos impressos de Marcos Bagno, link da reportagem do portal institucional da UFMA, quadro e projetor multimídia.

Avaliação:

Participação na roda de conversa e argumentação apresentada pelos estudantes.

5.3.4 Plano de aula – Encontro 5

Tema: Produção da campanha de conscientização.

Carga horária: 2 horas-aula.

Objetivos:

- Sistematizar os conhecimentos construídos ao longo da sequência didática;
- Produzir materiais de conscientização sobre o respeito à diversidade linguística.

Conteúdos:

- Educação linguística;

- Produção de gêneros multimodais;
- Conscientização social.

Metodologia:

Os alunos serão organizados em grupos para a elaboração da campanha intitulada “Falar não é errar: vamos respeitar as variedades da língua”, produzindo cartazes, podcasts, vídeos ou textos de opinião. O professor orientará a estrutura textual de cada gênero e revisará os rascunhos.

Recursos didáticos:

Cartolinas, pincéis, celulares e computadores.

Avaliação:

Criatividade, fundamentação e coerência dos materiais produzidos.

5.3.5 Plano de aula – Encontro 6

Tema: Socialização e avaliação final.

Carga horária: 2 horas-aula.

Objetivos:

- Socializar as produções realizadas;
- Refletir sobre os conhecimentos construídos;
- Avaliar a aprendizagem desenvolvida durante a intervenção.

Conteúdos:

- Diversidade linguística;
- Reflexão crítica;
- Autoavaliação.

Metodologia:

Os grupos apresentarão os materiais produzidos (cartazes e reprodução de áudios/vídeos) e participarão de uma discussão final sobre a importância do respeito às diferentes formas de expressão linguística. Em seguida, responderão a um questionário impresso de autoavaliação e de avaliação da sequência didática.

Recursos didáticos:

Projutor, caixas de som, cartazes, vídeos e questionários impressos.

Avaliação:

Autoavaliação, participação nas apresentações e reflexão crítica demonstrada pelos estudantes.

5.3.6 Avaliação da proposta

A avaliação será processual e formativa, realizada ao longo de toda a sequência didática. Serão utilizados como instrumentos de avaliação: questionário diagnóstico inicial, registros de observação do professor, diário de bordo dos estudantes, produções escritas, participação nos debates, autoavaliação e produção final da campanha de conscientização.

Para fins de acompanhamento pedagógico e garantia do rigor analítico, os níveis de desempenho foram estruturados com base na matriz de rubricas disposta na Tabela 1:

Tabela 1 – Matriz de rubricas para avaliação formativa e processual

Critérios de Avaliação	Insuficiente	Parcial	Satisfatório	Excelente
Compreensão Conceitual	Não identifica diferenças entre variedades formais, informais, rurais ou urbanas.	Identifica as variantes de modo puramente mecânico, mantendo juízos de valor negativos sobre o falar rural.	Compreende os conceitos de variação regional e social, reconhecendo a legitimidade das formas populares.	Domina os conceitos e aplica com precisão a noção de adequação linguística em diferentes gêneros discursivos.
Reflexão Crítica sobre o Preconceito	Reproduz discursos estigmatizantes e não reconhece o preconceito linguístico como discriminação social.	Reconhece o preconceito superficialmente, mas justifica a exclusão com base na falta de escolarização do falante.	Posiciona-se contrariamente ao preconceito linguístico e identifica situações cotidianas de opressão pela fala.	Desenvolve argumentação sólida contra o preconceito, valorizando a fala local como patrimônio identitário.
Produção Textual e Adequação	Não consegue transitar entre os registros formal e informal nas atividades práticas de reescrita.	Consegue reescrever os textos, mas apresenta severas dificuldades em manter a consistência do registro exigido.	Produce textos adequados às esferas de circulação propostas (gêneros digitais e formais).	Demonstra exímia versatilidade estilística, dominando a norma-padrão ao mesmo tempo em que valoriza os falares locais.
Engajamento e Socialização	Recusa-se a participar das discussões em sala de aula e não colabora nas atividades cooperativas.	Participa de forma passiva, necessitando de constante estímulo do professor para cooperar com o grupo.	Participa ativamente das rodas de conversa e executa sua função na confecção da campanha de conscientização.	Lidera positivamente as discussões, respeita os turnos de fala e demonstra protagonismo na campanha final.

Fonte: Elaborada pelos autores (2026).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a abordagem da variação linguística e do preconceito linguístico nos livros didáticos da coleção *A Conquista – Língua Portuguesa*, buscando compreender de que modo esse material contempla a diversidade linguística no contexto escolar, especialmente em uma realidade rural. A partir da análise realizada, constatou-se que, embora o tema da variação linguística esteja presente em parte dos volumes, sua abordagem ocorre de forma limitada e predominantemente descritiva, com pouca problematização das implicações sociais do preconceito linguístico. Observou-se, ainda, uma lacuna significativa no volume do 9º ano, no qual o tema não é contemplado, o que fragiliza a continuidade da formação crítica dos estudantes ao longo da etapa final do Ensino Fundamental.

Esses resultados evidenciam que, embora o livro didático seja um importante recurso pedagógico, ele não dá conta, de forma isolada, de promover uma educação linguística comprometida com a valorização da diversidade. Nesse sentido, destaca-se o papel do professor como mediador crítico, responsável por ampliar, problematizar e contextualizar os conteúdos apresentados, considerando as especificidades socioculturais dos alunos. Sobretudo aqueles oriundos da zona rural, cujas formas de fala frequentemente são estigmatizadas no espaço escolar.

Diante dessas limitações, a proposta pedagógica apresentada neste trabalho buscou contribuir para o ensino de Língua Portuguesa ao propor práticas voltadas à valorização das variedades linguísticas e à desconstrução de estigmas associados à fala rural. Ao favorecer o desenvolvimento da consciência linguística crítica, tal proposta aponta caminhos para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva, sensível às diferenças e comprometida com a formação cidadã dos estudantes.

Além disso, esta pesquisa reforça a necessidade de que políticas educacionais e materiais didáticos estejam alinhados às orientações dos documentos oficiais, no sentido de promover um ensino de língua que reconheça a heterogeneidade linguística como constitutiva da sociedade brasileira. Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental na promoção do respeito às diferentes formas de expressão, contribuindo para o enfrentamento de preconceitos historicamente enraizados.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir para futuras pesquisas na área, bem como para a reflexão de professores acerca de suas práticas pedagógicas, incentivando a

construção de um ensino de Língua Portuguesa mais democrático, crítico e socialmente comprometido com a educação do aluno.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. *A conquista: língua portuguesa: anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano): manual do professor*. São Paulo: FTD, 2022.
- BERNSTEIN, Basil. *Linguagem e classes sociais*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.
- CANAL FUTURA. *Programa Língua Viva: Internetês*. YouTube, 27 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 16 jun. 2026.
- DICIONÁRIO de maranhês revela jeito próprio de falar. *Diretoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão*, São Luís, 2021. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias>. Acesso em: 16 jun. 2026.
- GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. *Asa Branca*. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1947. 1 disco sonoro (78 rpm).
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARANHÃO. *Documento curricular do território maranhense: educação infantil e ensino fundamental*. São Luís: Secretaria de Estado da Educação, 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A língua falada e o ensino de português*. Recife: UFPE, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

PROFESSOR NOSLEN. *Variação Linguística*. YouTube, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6fBOVygtNoU>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2002.